

Kissinger

1923–1968: o idealista

NIALL
FERGUSON

CRÍTICA

CRÍTICA TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Kissinger

1923–1968: o idealista

**NIALL
FERGUSON**

CRÍTICA

Tradução

Solange Pinheiro, Claudia Santana e Angela Tesheiner

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Niall Ferguson, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Título original: *Kissinger, Volume 1: 1923-1968: The Idealist*
Todos os direitos reservados.

Coordenação editorial: Sandra Espilotro
Preparação: Tiago Ferro
Revisão: Carmen T. S. Costa, Andressa Veronesi e Eliana Rocha
Índice remissivo: Andrea Jocys
Diagramação: A2 e Dimitry Uziel
Capa: Luciana Facchini
Imagem de capa: dpa picture alliance / Alamy / Fotoarena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferguson, Niall

Kissinger, vol. 1 (1923-1968): o idealista / Niall Ferguson; tradução de Solange Pinheiro, Claudia Santana, Angela Tesheiner. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

1008 p.

ISBN 978-85-422-2184-8

Título original: Kissinger, volume I: 1923-1968: The Idealist

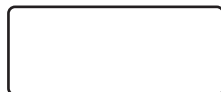
1. Henry, Kissinger, 1923 – Biografia 2. Políticos – Estados Unidos – Biografia
I. Título II. Pinheiro, Solange III. Santana, Claudia IV. Tesheiner, Angela

23-1600

CDD 973.924092

Índices para catálogo sistemático:

1. Henry, Kissinger, 1923 – Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Sumário

Prefácio	7
INTRODUÇÃO	19

LIVRO I

CAPÍTULO 1 <i>Heimat</i>	55
CAPÍTULO 2 Fuga.	83
CAPÍTULO 3 Fürth no Hudson	103
CAPÍTULO 4 Um recruta surpreendente	133
CAPÍTULO 5 Os vivos e os mortos.	159
CAPÍTULO 6 Nas ruínas do Reich.	192

LIVRO II

CAPÍTULO 7 O idealista	231
CAPÍTULO 8 Guerra psicológica	267
CAPÍTULO 9 Doutor Kissinger	315
CAPÍTULO 10 Doutor Fantástico?	354
CAPÍTULO 11 Boswash	412

LIVRO III

CAPÍTULO 12 O intelectual e o estrategista político.	447
CAPÍTULO 13 Respostas flexíveis	487

CAPÍTULO 14	Fatos da vida.	541
CAPÍTULO 15	Crise.	572

LIVRO IV

CAPÍTULO 16	A estrada para o Vietnã.	609
CAPÍTULO 17	O americano intranquilo	655
CAPÍTULO 18	Poeira contra o vento	695

LIVRO V

CAPÍTULO 19	O anti-Bismarck.	723
CAPÍTULO 20	Esperando Hanói.	760
CAPÍTULO 21	1968	814
CAPÍTULO 22	A combinação improvável	863
EPÍLOGO	Um <i>Bildungsroman</i>	894

Agradecimentos	908
Notas	912
Bibliografia.	955
Créditos das imagens	968
Índice remissivo	969

CAPÍTULO I

Heimat

Fürth ist mir ziemlich egal. [Fürth não significa nada para mim.]

HENRY KISSINGER, 2004¹

I

Exatamente em que ponto um biógrafo deve começar quando seu assunto nega categoricamente a importância de sua infância para sua vida posterior?

Tem sido sugerido com frequência que crescer na Alemanha da década de 1930 “lançou uma sombra traumática sobre a [...] adolescência [de Kissinger]”. Por exemplo: “O sentimento de o tempo todo poder ser submetido a uma violência imprevisível obviamente imprimiu com muita força na psique de Kissinger uma espécie de alicerce sobre o qual suas atitudes posteriores (até mesmo uma guerra nuclear) poderiam ser baseadas”.² Outro autor especulou que, na década de 1970, Kissinger “temia um retorno à violência, ao caos e ao colapso da Alemanha de Weimar”. Suas atitudes tanto em relação à Guerra do Vietnã quanto ao escândalo de Watergate, assim prossegue o argumento, são compreensíveis somente à luz de suas experiências de juventude na Alemanha. Na verdade, dizem que toda a sua perspectiva filosófica e política tem raízes profundas na Alemanha. “A experiência do colapso da Alemanha de Weimar [...] convenceu [...] [Kissinger] a democracia tinha um lado muito sombrio.” Essa mesma experiência supostamente fez dele um eterno pessimista cultural.³

O próprio Kissinger inúmeras vezes deixou de lado tais teorias. “Minha vida em Fürth”, ele declarou em 1958, durante uma visita à sua terra natal na Baviera, “parece ter passado sem [deixar] quaisquer impressões mais profundas; não consigo me recordar de qualquer acontecimento interessante ou

divertido”.⁴ Entrevistado por Al Ellenberg do jornal *New York Post*, em março de 1974, ele laconicamente reconheceu que havia “com frequência [...] sido perseguido pelas ruas, e espancado” como um menino que crescia na Alemanha nazista. Mas acrescentou rapidamente: “Essa parte de minha infância não é uma chave para nada. Eu não era conscientemente infeliz, não tinha uma consciência profunda do que estava acontecendo. Para as crianças, essas coisas não são sérias. [...] Está na moda agora explicar tudo com a psicanálise. Mas, permita-me dizer-lhe, as perseguições políticas de minha infância não são o que controlam minha vida”.⁵

Nas memórias de sua carreira no governo, Kissinger alude apenas uma vez à infância vivida na Alemanha.⁶ O local onde nasceu, ele salientou em 2004, significava muito pouco para ele.⁷ Assim, as pessoas que buscam a chave para sua carreira em suas origens judaico-alemãs estão perdendo seu tempo.

Senti o impacto do nazismo, e isso foi muito desagradável, mas não interferiu em minha amizade com pessoas judias de minha idade, de modo que não achei isso traumático. [...] Tenho resistido às explicações psiquiátricas [que] dizem que desenvolvi uma paixão pela ordem acima da justiça e que a traduzi em interpretações profundas do sistema internacional. Não estava preocupado com o sistema internacional. Eu estava preocupado com a posição do time de futebol da cidadezinha onde eu vivia.⁸

A prontidão de Kissinger, já mais velho, em voltar a visitar Fürth tem servido para reforçar a impressão de que sua juventude não foi um período traumático. Ele fez uma visita durante uma viagem à Alemanha em dezembro de 1958, quando seu retorno – como diretor associado do Center for International Affairs [Centro de Relações Internacionais] da Universidade Harvard – mereceu dois parágrafos no jornal local.⁹ A atenção da imprensa foi muito maior dezessete anos mais tarde quando, como secretário de Estado norte-americano, ele viajou para Fürth para receber a “medalha de ouro do cidadão”, acompanhado por seus pais e seu irmão mais novo, bem como por sua esposa.¹⁰ O acontecimento foi uma celebração cuidadosamente coreografada (segundo o próprio Kissinger) “da extraordinária renovação da amizade entre os povos norte-americano e alemão”. Perante uma audiência de dignitários da Baviera, ele e o ministro do Exterior alemão, Hans-Dietrich Genscher, disseram o que atualmente poderia ser considerado como lugares-comuns diplomáticos.

À sombra de uma catástrofe nuclear [declarou Kissinger] [...] nós não podemos baixar a cabeça para a suposta inevitabilidade de uma tragédia histórica. [...] Nossa tarefa comum é a de colaborar na construção de um sistema de relações internacionais que garanta a estabilidade dos continentes e a segurança dos povos, que una os povos do mundo por meio de seus interesses comuns, e que requeira o controle e a moderação nas relações exteriores. Nosso objetivo é a paz pela qual todos nós trabalhamos – países pequenos tanto quanto os grandes –, uma paz que seja duradoura porque todos nós desejamos dar-lhe nosso apoio – países fortes tanto quanto os fracos.¹¹

Contudo, o discurso mais memorável foi o não programado feito pelo pai de Kissinger, Louis, ao fazer sua primeira visita à Alemanha desde 1938. Embora observando que ele havia sido “forçado a abandonar” a Alemanha naquele ano, referiu-se generosamente à anterior tradição de tolerância religiosa de Fürth. (“Enquanto, em séculos passados, a intolerância e o preconceito predominavam em muitas cidades alemãs, em Fürth os diversos credos conviviam em harmonia.”) Seu filho estava sendo honrado em sua cidade natal não somente por causa de seu sucesso mundial, mas porque, assim como Trigeu, protagonista da comédia de Aristófanes *A paz*, ele

considerou a missão de sua vida dedicar seu tempo e suas energias à promoção e à manutenção da paz no mundo. Trabalhando junto ao presidente dos Estados Unidos, ele teve a brilhante ideia de dar início a uma era de compreensão e de colaboração pacífica entre as nações. [...] É um sentimento gratificante para nós, os genitores, que hoje o nome Kissinger seja visto ao redor do mundo como intercambiável com o termo “paz”; que o nome Kissinger tenha passado a ser um sinônimo para paz.¹²

Era dezembro de 1975. Angola estava se encaminhando para a guerra civil, menos de um mês depois do fim do domínio colonial português. Em uma questão de dias antes da viagem da família Kissinger para Fürth, o movimento Pathet Lao, apoiado pelo Vietnã e pela União Soviética, havia derrubado o rei do Laos, e os militares indonésios tinham invadido o Estado de Timor-Leste, independente fazia pouco tempo. Somente oito dias antes da cerimônia de entrega da medalha, o diretor da CIA em Atenas foi morto com um tiro. Os jornais daquele mês estavam repletos de atentados terroristas: pelo

Exército Republicano Irlandês em Londres; pela Organização para a Libertação da Palestina em Viena; pelos separatistas Molucanos do Sul na Holanda. Houve até mesmo uma explosão de bomba fatal no aeroporto LaGuardia em Nova York. Para alguns jovens social-democratas alemães, parecia incongruente honrar o secretário de Estado norte-americano em tal época.¹³ Talvez somente os alemães mais velhos presentes compreendessem o significado do apelo de Kissinger por “um mundo no qual é a reconciliação, e não o poder, que enche os povos de orgulho; uma era na qual as convicções são uma fonte de força moral e não de intolerância e de ódio”.¹⁴ Essas não eram frases vazias. Para a família Kissinger, era “especialmente comovente” nesse “retorno ao lar” o fato de que o país do qual eles haviam certa vez fugido agora os festejasse.¹⁵

Maio de 1923 foi o mês em que Heinz Alfred Kissinger nasceu em Fürth. Esse também foi um ano de turbulências no mundo. Em janeiro, a cidade de Rosewood, Flórida, havia sido destruída em um conflito racial que deixou seis pessoas mortas. Em junho, o primeiro-ministro da Bulgária, Aleksandar Stamboliyski, foi derrubado (e em seguida assassinado) em um golpe. Em setembro, o general Miguel Primo de Rivera subiu ao poder na Espanha, enquanto o Japão era devastado pelo Grande Terremoto de Kanto. Em outubro, outro líder militar, Mustafa Kemal, proclamou a República da Turquia em meio às ruínas do Império Otomano. O mundo ainda estava cambaleando por causa dos tremores secundários da Primeira Guerra Mundial. Em muitos países, da Irlanda à Rússia, guerras civis sangrentas estavam chegando ao fim. A revolução na Rússia havia sido uma catástrofe humana, ceifando a vida de milhões – incluindo a de seu líder, Lênin, que naquele mesmo mês havia sido forçado a se retirar para sua propriedade em Gorki, sua saúde jamais tendo se recuperado de uma tentativa de assassinato em 1918.

Entretanto, em nenhum lugar a convulsão social de 1923 foi mais forte que na Alemanha. Em janeiro, tropas francesas e belgas haviam ocupado a região do Ruhr, rica em carvão, como retaliação pelo fracasso alemão em cumprir suas obrigações estipuladas pelo Tratado de Versalhes. O governo alemão conclamou uma greve geral. A crise foi o *coup de grâce* para a moeda alemã, que rapidamente entrou em colapso. O país ameaçava desmoronar, com movimentos separatistas na Renânia, na Baviera, na Saxônia e até mesmo em Hamburgo, onde os comunistas tentaram tomar o poder. Em Munique, em 8 de novembro, Adolf Hitler desencadeou um *putsch* na grande cervejaria conhecida como Bürgerbräukeller. Ele não teria sido o primeiro

demagogo uniformizado a alcançar o poder com tal façanha; a Marcha sobre Roma de Benito Mussolini havia sido bem-sucedida cerca de um ano antes. Foi necessário um esforço coordenado do chefe da Reichswehr [Defesa do Reich], Hans von Seeckt; do líder do Partido Popular Alemão, Gustav von Stresemann; e do banqueiro Hjalmar Schacht para restaurar a autoridade do governo central e começar o processo de reforma e de estabilização da moeda.

Foi nesse caos, na cidadezinha de Fürth, na Francônia Central, que Heinz Kissinger nasceu.

II

Asfixiada em sua limitada insipidez, nossa cidade sem jardins, cidade de fuligem, de mil chaminés, de máquinas e de martelos ruidosos, de cervejarias, de ganância taciturna e sórdida nos negócios ou nas profissões, de pessoas mesquinhas e avarentas amontoadas, com a pobreza e a falta de amor. [...] Nos arredores, uma planície árida e arenosa, cursos d'água sujos por causa das fábricas, o rio lento e lamacento, o canal uniformemente reto, bosques raquíticos, vilarejos melancólicos, pedreiras medonhas, pó, argila, vassoura.¹⁶

Fürth era destituída de encanto. O autor Jakob Wassermann, que nascera lá em 1873, relembra sua “peculiar falta de forma, certa aridez e penúria”.¹⁷ O contraste com sua antiga vizinha, Nuremberg, era sobremaneira impressionante. Uma das três mais importantes cidades do Sacro Império Romano, Nuremberg era toda “casas antigas, pátios, ruas, catedrais, pontes, fontes e muralhas”.¹⁸ Separadas por apenas 8 quilômetros – uma curta viagem de trem –, as duas cidades eram, segundo Wassermann, uma incongruente “união de antiguidade e de algo recente, de arte e de indústria, de romance e de manufatura, de planejamento e de dissolução, de forma e de deformidade”.¹⁹ Ainda mais contundente era o contraste entre a encardida e industrial Fürth e a bela e montanhosa região ao redor de Ansbach ao sul, uma paisagem de “jardins, pomares, lagos com peixes, castelos abandonados, ruínas cheias de lendas, feiras nos vilarejos, pessoas simples”.²⁰

Citada pela primeira vez no século XI, Fürth alternadamente prosperou e então sofreu com a fragmentação da autoridade política na Alemanha

medieval e nos primórdios da moderna. Durante certo tempo, a soberania sobre a cidade foi dividida entre o bispo de Bamberg e o margrave de Ansbach. Porém, tais acordos vagos expuseram a cidade à devastação durante a Guerra dos Trinta Anos que destruiu a Alemanha na primeira metade do século XVII. (Não muito longe ao sudoeste de Fürth se encontra o Alte Veste, onde Albrecht von Wallenstein derrotou o rei sueco Gustavo Adolfo em 1632.) Possessão da Baviera desde 1806, Fürth se beneficiou com dois processos concorrentes do século XIX: a industrialização da Europa continental e a unificação da Alemanha. Não foi por acaso que a primeira estrada de ferro na Alemanha, a Ludwigsbahn, foi construída em 1835 para ligar Nuremberg a Fürth.²¹ A cidadezinha às margens do Rednitz adquiriu nova vida como um dos centros da indústria do sul da Alemanha. Fürth ficou famosa por seus espelhos feitos por companhias como S. Bendit & Söhne, bem como por óculos e outros instrumentos ópticos. Objetos de bronze, mobília de madeira, decorações em folhas de ouro, brinquedos e canetas: Fürth produzia todos eles, frequentemente para exportar para os Estados Unidos. Suas cervejarias também eram conhecidas por todo o sul da Alemanha. Isso mal poderia ser considerado produção em massa. A maior parte das firmas era pequena, com 84% delas empregando menos de cinco pessoas na virada do século. A tecnologia era relativamente primitiva e as condições de trabalho – sobretudo na indústria de espelhos, que usava mercúrio intensamente –, com frequência perigosas. Mesmo assim, não havia como se equivocar com o dinamismo do local. Sua população se multiplicou por cinco entre 1819 e 1910, de 12.769 para 66.553 habitantes.

Viajantes que procuravam as pitorescas paisagens da Baviera consideravam Fürth uma visão desagradável. A caminho de Nuremberg, o artista britânico Arthur George Bell e sua esposa chegaram a Fürth pela estrada de ferro no começo de 1900. Eles também ficaram surpresos com o contraste entre a cidade e as áreas vizinhas:

Os campos e as pastagens, os vinhedos e as plantações de lúpulo, que não são separadas por sebes, são alegrados por grupos de camponeses. Homens, mulheres e crianças, todos igualmente trabalhando duro, são vistos labutando de maneira primitiva com instrumentos agrícolas rudimentares, tais como a foice de mão, há muito tempo abandonada em outros lugares; e não é algo inusitado uma debulhadora, puxada por uma dupla de vacas ou de bois, se arrastar lentamente,

enquanto quem a guia caminha com dificuldade, semiadormecido, ao lado dela...

Quando o trem se aproxima de Fürth, [entretanto] a premonição da destruição iminente de tudo que é primitivo e rural se torna ainda mais acentuada, e é através de uma espessa nuvem de fumaça, entre fileiras de casas destituídas de beleza, que a etapa final da viagem é realizada.²²

Resumindo, Fürth era uma feia e poluída aglomeração de casas de comércio, uma excrescência moderna em um reino pitoresco.

Contudo, até mesmo Fürth conservava alguns vestígios do passado medieval. Todos os anos, no fim de setembro, os habitantes celebravam (como eles ainda o fazem) a festa de São Miguel (Michaeliskirchweih, ou “Kärwa” no dialeto local), que durava doze dias e remontava à construção da igreja de São Miguel aproximadamente em 1100. A cidadezinha também tinha seu próprio mistério, cuja origem era a lenda de São Jorge, em que a filha do prefeito era salva do dragão local por um corajoso camponês chamado Udo.²³ Apesar de tais costumes singulares, Fürth era na verdade uma cidadezinha convictamente protestante, assim como a maior parte da Francônia. Mais de dois terços da população eram luteranos, e, assim como a maioria das cidades protestantes do século XIX dos dois lados do Atlântico, os habitantes de Fürth tinham uma diversificada vida secular baseada em associações. Na virada do século, a cidadezinha contava com aproximadamente 280 associações, variando de grupos de canto a colecionadores de selos.²⁴ Em 1902, um novo teatro municipal, inteiramente fundado por 382 subscrições particulares, havia sido inaugurado. Como centro cultural, Fürth não era páreo para Nuremberg, mas tinha condições de, pelo menos, contratar seu próprio *Meistersinger*: sua apresentação inaugural foi o *Fidelio*, de Beethoven.²⁵ Entretanto, a ópera não era o passatempo favorito dos habitantes de Fürth. Este era, sem dúvida, o futebol. A Spielvereinigung Fürth [Associação Desportiva de Fürth] foi fundada em 1906 e venceu seu primeiro título nacional somente oito anos depois, sob o comando de um técnico inglês que se chamava William Townley. Nesse ponto, também, Fürth tinha de competir com sua vizinha maior e mais importante. Em 1920, os dois times se defrontaram na final do campeonato (Fürth foi derrotada). Quatro anos mais tarde, a equipe alemã era composta exclusivamente por jogadores de Fürth e de Nuremberg, embora a rivalidade entre os dois clubes fosse tão grande que os jogadores viajavam em vagões separados do trem.

O futebol era e ainda continua a ser um esporte das classes trabalhadoras, e sua popularidade em Fürth desde o começo de 1900 mostrava como a indústria estava transformando a cidade. O mesmo se pode dizer da política. Já na época das revoluções de 1848, Fürth havia adquirido a reputação de um “ninho de democratas” (um termo que então tinha a conotação de radicalismo político). Os habitantes de Fürth também tiveram parte ativa na formação do novo Partido Progressista Alemão (Fortschrittspartei), fundado em 1861. Cinco anos mais tarde, Gabriel Löwenstein, o socialista de Fürth, criou a associação de trabalhadores “Futuro” (Zukunft), que logo passou a ser parte do Partido Social Democrata Alemão (SPD). Na década de 1870, o SPD conseguiu vencer no distrito de Erlangen-Fürth somente juntando forças com o Partido Popular, que era liberal de esquerda.²⁶ Mas, lá pela década de 1890, os social-democratas obtiveram um grande número de votos nas eleições para o Reichstag [Parlamento Nacional]; somente uma frente unida de “partidos burgueses” no segundo turno das eleições manteve o candidato do SPD de fora, de modo que não foi senão em 1912 que a “Fürth Vermelha” mandou um deputado social-democrata para o Reichstag.²⁷

A cidadezinha adquiriu sua reputação de ser vermelha por dois motivos distintos. O primeiro e mais óbvio era a grande concentração de trabalhadores especializados e geralmente sindicalizados em sua indústria manufatureira. O segundo, entretanto, era a grande proporção de judeus na população. Com certeza, nem todos os judeus de Fürth eram homens de esquerda como Löwenstein. Mas havia uma quantidade suficiente para fazer da união de socialismo e judaísmo um tropo retórico plausível para o número cada vez maior de demagogos da direita alemã.

III

Havia uma comunidade judaica em Fürth desde 1528. Trinta anos antes, Nuremberg havia seguido o exemplo de muitas outras cidades e nações europeias expulsando os judeus de seu território. Porém, Fürth oferecia um refúgio. Na verdade, no fim do século XVI, os judeus estavam sendo encorajados a se estabelecer lá como um modo de desviar o comércio de Nuremberg.²⁸ Já no começo de 1600, Fürth tinha seu próprio rabino, uma academia talmúdica e

sua primeira sinagoga, construída entre 1616 e 1617 e tendo como modelo a sinagoga Pinkas, de Praga. O rabino Schabbatai Scheftel Horowitz, que viveu lá entre 1628 e 1632, elogiou “a comunidade sagrada de Fürth, uma cidade pequena, mas que me pareceu ser tão grande quanto Antioquia, porque aqui as pessoas cultas se juntavam para o estudo diário”.²⁹ A Guerra dos Trinta Anos foi um período perigoso para os judeus na Alemanha, mas a comunidade de Fürth não enfrentou tantos problemas, com exceção de certas avarias na sinagoga quando ela foi usada por um regimento de cavalaria da Croácia como estábulo.³⁰ Duas novas sinagogas foram construídas na década de 1690: a Klaus e a Mannheimer. No fim do século XIX, a cidadezinha tinha sete sinagogas no total, quatro das quais se agrupavam ao redor do Schulhof [Pátio da Sinagoga], com os escritórios da congregação, casa de banhos rituais e o açougue *kosher*. A população judia nessa época representava somente pouco menos de um quinto da população de Fürth, embora essa proporção fosse posteriormente declinar (para apenas 4% em 1910), à medida que a cidade se expandia. Em seu número máximo de habitantes, em 1880, a comunidade judaica contava com 3.300 pessoas, fazendo dela a terceira maior na Baviera, depois de Munique e de Nuremberg, e a décima primeira na Alemanha.³¹

Sob diversos aspectos, os judeus de Fürth eram muito unidos. Na década de 1920, por exemplo, mais de dois terços deles estavam concentrados em apenas 15 dos 65 distritos eleitorais da cidade. Um lar judeu poderia ser identificado pelo *mezuzah* à porta – um pequeno estojo de metal contendo um pergaminho e que trazia a letra hebraica “shin” (ש), abreviatura de *Shaddai*, um nome para Deus. Com certeza, era predominantemente uma população de classe média de homens de negócios, profissionais liberais e funcionários públicos, que estavam economicamente bastante integrados na sociedade dos gentios que os rodeava. Porém, eles permaneciam social e culturalmente distintos, com sua própria rede de associações: Bikkur Cholim (associação de seguro de saúde), três Chewra Kaddischa (sociedades de auxílio), Hachnassat Kalla (associação de dotes), Hachnassat Orchim (associação dos estalajadeiros) e Bar Kochba (clube esportivo).³² Com boas razões, o satirista do século XIX, Moritz Gottlieb Saphir, podia chamar Fürth de “a Jerusalém da Baviera”.

Contudo, em um aspecto crucial a comunidade judaica de Fürth estava dividida: entre uma minoria reformista ou liberal e uma maioria ortodoxa. Proponentes de reformas, como Isaak Loewi, que se tornou o principal rabino em 1831, desejavam (entre outras coisas) que o culto judaico pudesse se

adaptar mais ao estilo do culto cristão. Sob sua influência, a sinagoga principal ganhou um visual mais parecido com o de uma igreja, com as plataformas substituídas por bancos como os de igreja e o acréscimo de um órgão em 1873; os frequentadores não usavam mais o *tallit*.³³ Essas mudanças foram parte de uma onda de assimilação entre os judeus alemães, que procuravam acabar com as diferenças externas entre eles próprios e os cristãos alemães na esperança de, com isso, alcançar plena igualdade perante a lei. Alguns judeus foram além, ou se convertendo ao cristianismo ou adotando o ceticismo radical da esquerda política. Mas a maioria dos judeus de Fürth reagiu contra o movimento reformista. Por conseguinte, enquanto a congregação liberal controlava a sinagoga principal, as outras sinagogas menores ao redor do Schulhof eram domínio dos ortodoxos. A divisão se estendia ao âmbito da educação. Os filhos dos judeus reformistas frequentavam o ginásio público ou o liceu feminino, juntamente com seus coetâneos gentios, enquanto os filhos das famílias ortodoxas eram enviados para a escola colegial judaica (*Realschule*) na Blumenstrasse nº 31, onde não havia aulas aos sábados.³⁴

Até certo ponto, frequentemente esquecida, a assimilação dos judeus aconteceu na Alemanha pré-1914. Formalmente, com certeza, permaneciam restrições. O *Judenedikt* [Édito dos judeus] da Baviera de 1813 havia concedido aos judeus bávaros a cidadania, mas estabelecera um limite quanto à sua quantidade em quaisquer lugares – o que explica a estagnação da comunidade de Fürth na metade do século XIX e seu declínio absoluto depois de 1880. Esse estatuto permaneceu em vigor até 1920, apesar de um breve período de abrandamento depois das revoluções de 1848.³⁵ Na prática, entretanto, os judeus de Fürth haviam deixado de ser cidadãos de segunda classe, no mais tardar, no começo de 1900. Eles não apenas podiam votar em eleições locais, estaduais e nacionais, como também podiam ter cargos na magistratura. Desempenhavam papéis importantes no direito, na medicina e no ensino locais. Como um judeu de Fürth recordou, sua cidade natal produziu “o primeiro advogado judeu, o primeiro deputado judeu na assembleia da Baviera, o primeiro diretor de escola judeu”.³⁶ Entre os distintos produtos da comunidade se encontravam o editor Leopold Ullstein, nascido em Fürth em 1826 e que, na época de sua morte em 1899, era um dos mais importantes donos de jornais na Alemanha. Em 1906, outro luminar, o fabricante de lápis Heinrich Berolzheimer, legou à cidade o Berolzheimerianum como um “lar para a educação popular” para “servir toda a população [...] independentemente

de classe social, religião ou opiniões políticas”. Esse prédio, com sua grande biblioteca pública e auditório, simbolizava o apogeu da integração dos judeus no sul da Alemanha.

No entanto, sempre havia uma sombra de dúvida. O autor Jakob Wassermann nasceu em Fürth em 1873, filho de um homem de negócios que não tivera sucesso. Recordando a infância infeliz em suas memórias publicadas em 1921, Wassermann lembrou como as restrições da metade do século XIX “relacionadas à quantidade, à liberdade de movimentos e de ocupação [...] [havia] fornecido alimento constante para um fanatismo religioso sinistro, para a insistência em relação aos guetos e temor relacionado aos guetos”.³⁷ Na verdade, essas restrições haviam deixado de funcionar na época em que ele era jovem, tanto que seu pai exclamava, contente: “Nós vivemos em uma era de tolerância!”.

No que diz respeito à indumentária, à língua e ao modo de vida, a adaptação era completa. Eu frequentei uma escola pública do governo. Nós vivíamos entre os cristãos, nos relacionávamos com os cristãos. Os judeus progressistas, e meu pai era um deles, achavam que a comunidade judaica existia somente no sentido do culto religioso e da tradição. O culto religioso, se afastando do poder de sedução da vida moderna, ficou concentrado cada vez mais nos secretos grupos de zelotes que evitavam contato com outras pessoas. A tradição se transformou em lenda, e finalmente em frases sem sentido, em uma concha vazia.³⁸

As recordações de Wassermann devem ser lidas com cautela. Ele era duplamente um forasteiro, um ateu autodidata que desprezava a mecânica observância religiosa de seu pai, e um amante da literatura alemã, que sentia a mais ínfima insinuação de preconceito racial como uma afronta pessoal. No entanto, seu relato da vida religiosa e social dos judeus de Fürth não tem paralelo e é esclarecedor. “A religião era um estudo”, ele recorda, “e não um estudo prazeroso. Uma lição ensinada sem sentimento por um homem velho despido de sentimentos. Até mesmo hoje eu às vezes vejo seu velho rosto maldoso e convencido em meus sonhos. [...] [Ele] atirava fórmulas sobre nós, antiquadas orações hebraicas que nós traduzíamos de modo mecânico, sem qualquer conhecimento real da linguagem; o que ele ensinava era insignificante, sem vida, mumificado”.

Os serviços religiosos eram ainda piores. Uma mera questão parecida com negócios, uma assembleia não santificada, a realização ruidosa das cerimônias passa a ser habitual, despida de simbolismo, nada mais que repetição. [...] Os judeus conservadores e ortodoxos conduziam seus serviços nos lugares conhecidos como *shuls*, minúsculos locais de culto, com frequência salinhas em aleias obscuras e fora de mão. Lá a pessoa ainda podia ver cabeças e corpos humanos assim como os que Rembrandt desenhou, faces fanáticas, olhos ascéticos queimando com a recordação de perseguições não esquecidas.³⁹

Quando o jovem Wassermann manifestou interesse pelas obras de Espinoza, ele foi advertido, “em um tom de melancolia sibilina, que quem quer que lesse aqueles livros teria de ficar insano”.⁴⁰

Wassermann não foi iludido pela fachada de assimilação. Certa noite, a empregada cristã da família pegou-o nos braços e disse: “Você poderia ser um bom cristão, você tem um coração cristão”. As palavras dela assustaram o menino “porque elas continham a condenação tácita ao fato de ser judeu”.⁴¹ Ele sentia a mesma ambivalência nas famílias de seus companheiros de brincadeira gentios: “Durante a infância, meus irmãos e irmãs e eu estávamos tão ligados à vida cotidiana de nossos vizinhos cristãos das classes trabalhadoras e média, que tínhamos neles nossos companheiros de brincadeira, nossos protetores. [...] Porém, a vigilância e o sentimento de estranhamento persistiam. Eu era somente um convidado”.⁴²

Viver como um judeu em Fürth era crescer acostumado com coisas que Wassermann considerava intoleráveis: “Uma alcunha desdenhosa na rua, uma olhadela maldosa, um olhar depreciativamente avaliador, certo desprezo recorrente – tudo isso era algo habitual”.⁴³ O pior era descobrir que tais atitudes não eram características de Fürth. Na qualidade de recruta do Exército da Baviera, Wassermann também se deparou com

aquele ódio estúpido, rígido, quase silencioso que penetrou no organismo da nação. A palavra *antisemitismo* não serve para descrevê-lo. [...] Esse ódio contém características de superstição assim como de ilusão voluntária, de terror diabólico bem como de insensibilidade clerical, de rancor bem como de ignorância daquele que é discriminado e enganado, de falta de escrúpulos e de falsidade, como de uma resistência justificada, de maldade tola bem como de intolerância religiosa. Ganância e curiosidade estão envolvidas nele, sede de sangue e o temor

de ser engodado ou seduzido, o amor ao mistério e escassa autoestima. Em seus elementos constitutivos e em sua sutileza, ele é um fenômeno particularmente alemão. É um ódio alemão.⁴⁴

Certa vez um estrangeiro perguntou a Wassermann: “Qual é o motivo para os alemães odiarem os judeus? [...] O que os alemães desejam?”. A resposta dele foi surpreendente.

Eu deveria ter respondido: Ódio. [...]

Eu deveria ter respondido: Eles querem um bode expiatório. [...]

Mas o que eu respondi foi: uma pessoa que não é alemã não pode chegar a imaginar a dolorosa posição do judeu alemão. O judeu alemão – você tem de dar ênfase total às duas palavras. Você tem de entendê-las como o produto final de um longo processo evolutivo. Seu amor duplicado e sua luta em duas frentes levam-no próximo da beira do desespero. O alemão e o judeu: certa vez, tive um sonho alegórico. [...] Coloquei as faces de um espelho juntas; e me parecia como se as imagens humanas contidas e preservadas nos dois espelhos tivessem de lutar uma contra a outra com unhas e dentes.⁴⁵

Essas palavras foram publicadas em 1921, somente dois anos antes do nascimento de Henry Kissinger. Wassermann pode ter sido idiossincrático – um exemplo, algumas pessoas poderiam dizer, do “ódio por si mesmo” do judeu –, mas sua anatomia da melancolia alemã-judaica era sombriamente profética.⁴⁶

IV

Os Kissinger descendiam de Meyer Löb (1767-1838), um professor judeu de Kleineibstadt que, em 1817, passou a usar como sobrenome o nome de sua cidade de adoção, Bad Kissingen (de acordo com o édito bávaro de 1813 que exigia que os judeus tivessem sobrenomes).⁴⁷ Com sua primeira esposa ele teve dois filhos, Isak e Löb, mas ela morreu ao dar à luz o segundo filho, em maio de 1812. Meyer Löb então se casou com a irmã dela, Schoenlein. De seus dez filhos, somente um – Abraham Kissinger (1818-99) – teve filhos.

Os descendentes de Isak e Löb Kissinger eram alfaiates; os descendentes de Abraham, professores.⁴⁸ O próprio Abraham era um bem-sucedido tecelão e comerciante. Ele e sua esposa, Fanny Stern, tiveram nove filhos, incluindo quatro meninos, Joseph, Maier, Simon e David (1860-1947), e todos foram rabinos. David Kissinger dava aulas de religião para a comunidade judaica de Ermershausen, um vilarejo na divisa da Baviera com a Turíngia. Em 3 de agosto de 1884, ele se casou com Karoline (Lina) Zeilberger (1863-1906), filha de um próspero fazendeiro, que lhe deu um dote de 10 mil marcos.⁴⁹ Eles tiveram oito filhos: Jenny (que morreu aos 6 anos, em 1901), Louis (que nasceu em 2 de fevereiro de 1887), Ida (nascida em 1888), Fanny (1892), Karl (1901), Arno (1901), Selma e Simon.⁵⁰

A juventude de Louis Kissinger foi um exemplo do que um menino judeu inteligente e esforçado poderia alcançar na Alemanha imperial. Aos 18 anos – sem ao menos um diploma, muito menos um título universitário – começou a carreira de professor. Seu primeiro emprego foi em Fürth, na escola particular Heckmannschule para meninos (em sua maioria judeus), onde lhe pagavam mil marcos por ano, mais 255 por mês para o seguro-saúde e a aposentadoria, para ensinar alemão, aritmética e ciências por quatro horas diárias. Permaneceu no posto por catorze anos.⁵¹ Apesar de ter se tornado formalmente cidadão de Fürth em 1917,⁵² ele parece ter pensado em se mudar, tentando obter cargos no norte da Baviera e na Alta Silésia, mas recusou esses empregos quando lhe foram oferecidos. Em vez disso, aos 30 anos, ele optou tardiamente por fazer seu exame final – a *Reifeprüfung* – no Realgymnasium [correspondente ao colegial clássico], a escola dos meninos mais velhos de Fürth. Munido com seu diploma, ele teve condições de frequentar cursos na Universidade de Erlangen. Mais importante, ele teve a possibilidade de concorrer a um cargo de maior prestígio em uma das escolas públicas de Fürth: a principal escola feminina, conhecida atualmente como o Helene Lange Gymnasium. Com sua nomeação como *Hauptlehrer* (literalmente, “professor sênior”) em 1921, Louis Kissinger passou a ser um funcionário público de alto nível. Embora continuasse a lecionar aritmética e ciências – e parece ter dado também aulas ocasionais na escola de comércio da cidade (*Handelsschule*)⁵³ –, sua disciplina favorita era literatura alemã. “Kissus”, como as meninas o chamavam, não era um professor severo. Ele gostava de apresentar para suas alunas os clássicos da poesia alemã, como o “Der Adler und die Taube” (“A águia e a pomba”), de Goethe, e “Jetzt wohin?” (“E agora, aonde?”), de Heinrich

Heine. Este iria, posteriormente, adquirir um doloroso significado pessoal. No poema, escrito logo depois das revoluções de 1848, o exilado Heine fica se perguntando para onde ele deveria ir caso se confrontasse com uma sentença de morte em sua Alemanha natal.

*Aonde, agora? Meu andar insensato
Para a Alemanha iria feliz
Porém minha cabeça é mais sensata
E, com um gesto, “Não”, ela me diz*

*A guerra bem pode ter acabado
Mas a lei marcial ainda impera [...]*

*E eu muitas vezes fico pensando
À América deveria viajar
Para aquela nação de igualdade
De onde igualitários estão a saudar;*

*Porém tenho medo de um país
Onde as pessoas mascam tabaco
Onde elas vivem sem um monarca
Onde elas cospem sem escarradeira*

Louis Kissinger certamente compartilhava da preferência de Heine pela sua terra natal. Assim como Heine, ele se sentia tanto alemão quanto judeu.

Não se questiona que Louis Kissinger fosse um patriota alemão. Ele era membro da associação nacional criada expressamente para representar “cidadãos alemães da fé judaica” (o Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens).⁵⁴ Ao contrário da maioria dos homens alemães de sua geração, ele não combateu na Primeira Guerra Mundial, mas isso se deveu a motivos de saúde.⁵⁵ É sabido que outros membros da família Kissinger serviram no Exército da Baviera, que era reconhecidamente mais amistoso em relação aos judeus que seu grande análogo prussiano, apesar das experiências de Jakob Wassermann. O irmão de Louis, Karl, participou do serviço ativo; seu futuro sogro, como se poderá ver, também foi recrutado. Dois de seus primos perderam a vida na guerra.⁵⁶ Para muitos judeus alemães daquela

época, não havia uma melhor prova de seu compromisso para com o Reich que esse sacrifício. A alegação de que os judeus tinham pouca participação nas linhas de frente e nas listas de mortos era veementemente refutada por organizações patrióticas iguais àquela de que Louis Kissinger fazia parte. Ao contrário de alguns de seus contemporâneos, entretanto, Louis não se sentia pressionado a abrandar sua fé religiosa como prova de seu patriotismo. Ele era membro ativo da parte ortodoxa da comunidade de Fürth, frequentando a sinagoga de Neuschul, liderada pelo rabino Yehuda Leib (Leo) Breslauer, em vez de sua rival, a congregação reformista do rabino Siegfried Behrens. Assim como Breslauer (e ao contrário de seu irmão Karl), Louis tinha dúvidas em relação ao movimento sionista, que conclamava os judeus a estabelecer seu próprio Estado-Nação na Palestina – uma ideia especialmente atraente para os judeus da Baviera.⁵⁷ Como sua esposa relembrou posteriormente, “Ele [Louis] tinha conhecimento sobre [o líder sionista Theodor] Herzl e tudo mais. Ele tinha conhecimento, porém, nunca foi [convencido]. [...] Ele era profundamente religioso, mas, como uma criança, acreditava em tudo [...] e estudava o sionismo, mas não era capaz de aceitá-lo. Ele se sentia tão alemão”.⁵⁸

Paula Kissinger – a mulher que pronunciou essas palavras – nasceu a 56 quilômetros a oeste de Fürth no vilarejo de Leutershausen, em 24 de fevereiro de 1901. Seu pai, Falk Stern, era um próspero fazendeiro e comerciante de gado, e um pilar da comunidade judia local, servindo como seu porta-voz (*Vorsitzender*) por quinze anos. Três anos depois do nascimento de sua filha, Falk e seu irmão David juntaram seus recursos para comprar a imponente casa que ainda se encontra no número 8 Am Markt. Paula foi criada em um ambiente ortodoxo, aprendendo a ler hebraico fluentemente, e sempre fazendo as refeições em casa, de modo a manter os preceitos *kosher*. Assim como em Fürth, entretanto, a separação religiosa não implicava segregação social. A amiga mais íntima na infância de Paula era uma menina protestante que se chamava Babette “Babby” Hammerder. “Você nunca viu ou sentiu qualquer tipo de antissemitismo até o surgimento de Hitler”, Paula recordou posteriormente. “Na verdade, eles procuravam, eles iam atrás de você, eles queriam você.”⁵⁹ Ela tinha somente 12 anos quando sua mãe, Peppi, morreu. Uma menina esperta, Paula foi mandada pelo pai enlutado para a escola feminina em Fürth, onde ela morava com sua tia, Berta Fleischmann, cujo marido era dono do açougue *kosher* na Hirschenstrasse.

Apesar de ser um viúvo com 40 e poucos anos, Falk Stern foi convocado em junho de 1915 e serviu na infantaria na Bélgica até dar baixa no Exército onze meses mais tarde. Com seu retorno da guerra, Paula foi chamada de volta para Leutershausen para cuidar da casa para seu pai e seu tio. “Eu tinha 18 anos”, ela lembrou posteriormente, “e [...] terrivelmente sozinha naquela cidadezinha, que não tinha [vida] intelectual [...] nada para manter sua mente ocupada. Eu tinha de ir à cidade vizinha para pegar livros na biblioteca”. Ela já sonhava em ir para “lugares distantes” como Capri, mas, pelo contrário, estava confinada à cozinha. “Minha tia [...] me ensinou a cozinhar, e eu detestava isso. Eu queria ler, e, quando ela vinha, eu estava lá, sentada, e lendo, em vez de fazer meu serviço.”⁶⁰ A libertação aconteceu quando seu pai se casou com Fanny Walter em abril de 1918. Não muito depois disso, Paula arrumou um emprego como *au pair* [babá] em Halberstadt, no norte da Alemanha, onde ela cuidava de quatro crianças de um rico fabricante de metal judeu. Não era exatamente Capri, mas a residência de verão da família nas montanhas do Harz representava um progresso em relação à cozinha em Leutershausen. E em uma visita aos seus parentes em Fürth é que Paula foi apresentada ao novo professor em sua antiga escola. Embora Louis Kissinger fosse catorze anos mais velho que ela, eles se apaixonaram. Em dezembro de 1921 ficaram noivos. Oito meses mais tarde, em 28 de julho de 1922, eles se casaram.

O casamento de Louis e Paula Kissinger ocorreu em meio a uma revolução não menos violenta que a que havia levado o poeta favorito dele, Heine, ao exílio noventa anos antes. Até mesmo antes de o armistício formal encerrar a Primeira Guerra Mundial, o regime imperial havia sido derrubado pela onda revolucionária que varria a Alemanha. Em 9 de novembro de 1918, Fürth ficou por pouco tempo sob o controle de um Worker’s and Soldier’s Council [Conselho de Trabalhadores e de Soldados]; a bandeira vermelha tremulou sobre a prefeitura da cidade. Em abril de 1919, os revolucionários tentaram se juntar ao “conselho revolucionário central” de Munique, estabelecido segundo o modelo dos soviets na Rússia. Porém, assim como em outros lugares da Alemanha, os social-democratas de Fürth repudiaram o modelo bolchevique e em apenas quatro dias as autoridades da cidade (o Magistrat e o Kollegium der Gemeindebevollmächtigten [Magistrado e Conselho de Representantes]) foram restauradas ao poder.⁶¹ A revolução não terminou aqui, entretanto. Em todos os anos entre 1919 e 1923 houve pelo menos uma tentativa,

ou da esquerda ou da direita, de derrubar a nova República de Weimar (que recebeu seu nome em homenagem à cidade da Turíngia onde sua constituição foi esboçada). À violência política seguiu-se à insegurança econômica. Decididos a provar a falta de sustentabilidade das reparações de guerra impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes, os ministros de Weimar seguiram uma medida consciente de déficit financeiro e de impressão de moeda. O benefício em curto prazo foi o de impulsionar os investimentos, o emprego e as exportações. O custo em longo prazo foi a desastrosa hiperinflação que causou um dano permanente no sistema financeiro, na ordem social e na legitimidade política da república. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a taxa de câmbio do marco alemão tinha sido fixada, sob o padrão-ouro, em 4,20 marcos para um dólar. No domingo, 27 de maio de 1923 – o dia em que Heinz Kissinger nasceu⁶² –, um dólar comprava quase 59 mil marcos em papel. A taxa anual de inflação se aproximava de 10.000%. No fim do ano, a taxa era de 182 bilhões por cento. Um marco de papel valia exatamente um trilionésimo do marco do pré-guerra.

Nem é preciso dizer que o bebê recém-nascido dos Kissinger não se preocupava nem um pouco com tudo isso, mas ele não deixou de ser atingido pela situação. Pois nenhum grupo social sentiu com maior intensidade a inflação que os altos funcionários públicos como Louis Kissinger. Os trabalhadores conseguiam, ao menos em parte, se proteger contra os preços que subiam continuamente fazendo greve para ter salários melhores. Um respeitável professor não poderia fazer tal coisa. Nos anos do pós-guerra, os salários de trabalhadores não especializados inicialmente se mantiveram em termos reais, finalmente caindo cerca de 30% no colapso de 1922–23. Por outro lado, quando ajustado pela inflação, o salário de um funcionário público caiu entre 60% e 70%. Ao mesmo tempo, as reservas de dinheiro de famílias da classe média como os Kissinger foram destroçadas. No grande achatamento ocasionado pela hiperinflação de Weimar, homens como Louis Kissinger se encontravam entre os maiores prejudicados. Somente em janeiro de 1925 ele teve condições de transferir sua família crescente de seu acanhado apartamento no primeiro andar da Mathildenstrasse 23 para a vizinha Marienstrasse 5, onde o irmão de Heinz, Walter, nasceu.

V

Certa vez, Henry Kissinger disse em tom de brincadeira que, se não fosse por Hitler, ele poderia ter passado sua vida “tranquilamente, como um *Studienrat* [professor/conselheiro pedagógico] em Nuremberg”. Na verdade, durante a infância não parecia que ele seguiria os passos de seu estudioso pai. Quando ele e o irmão foram enviados pela primeira vez para o jardim de infância, sua mãe recordou posteriormente, eles “detestaram aquilo e [...] foram incrivelmente travessos e difíceis de lidar. [...] Eles fugiam, e eu tinha de encontrá-los”.⁶³ Mais tarde, os dois frequentaram a antiga escola particular Heckmann, onde seu pai havia lecionado: uma fotografia de 1931 mostra Heinz com seu professor, um homem que se chamava Merz, e outros oito alunos (cinco dos quais são identificados como judeus).⁶⁴ Anos mais tarde, os contemporâneos divergiam quanto à capacidade acadêmica de Heinz quando garoto. Menahen (antes Heinz) Lion, que acabou indo viver em Israel, depois admitiu ter tido “inveja dos ensaios dele. [...] Eles eram notáveis por sua forma, seu estilo e suas ideias, e eles com frequência eram lidos em voz alta para a classe”.⁶⁵ Porém, outros lembravam-se dele como um aluno “mediano” na escola.⁶⁶ Shimon Eldad, que lecionou inglês e francês para Kissinger quando este frequentou o colegial judeu, lembrou-se de “um aluno bom, mas que não se destacava. [...] Ele era um jovem cheio de vida e inteligente, mas eu não percebi nada de especial em relação a ele. O inglês dele não chegava a me animar, e é essa a sensação que tenho ainda hoje”.⁶⁷

Fica claro que os irmãos Kissinger foram criados em um lar ortodoxo que era bastante rígido. Menahem Lion lembrou-se de irem “juntos para a sinagoga todas as manhãs antes da aula. Aos sábados, o pai de Lion ensinava a Torá aos dois. Eles iam juntos a um ortodoxo clube de jovens, Ezra”.⁶⁸ Tzipora Jochsberger tinha recordações semelhantes.⁶⁹ Um primo, John Heiman, que foi morar com a família quando Kissinger tinha 7 anos, descreveu mais tarde

um sábado quando ele e Henry foram passear além do *eruv*, um tipo de limite tácito que rodeava [a comunidade judaica]. Fora do *eruv*, de acordo com os ensinamentos da religião deles, não era permitido aos judeus carregar nada nas mãos

ou nos bolsos. [...] [Q]uando ele e Kissinger ultrapassaram o limite, Henry parou e o lembrou de que “carregar” era proibido. Eles tiraram os lenços dos bolsos e os ataram nos pulsos.⁷⁰

No entanto, quando chegou à adolescência, Heinz Kissinger se rebelou cada vez mais contra o modo de vida de seus pais. A ideia deles de diversão era assistir o *Fidelio* no teatro de Fürth. Para se divertir, Louis Kissinger lia as grandes obras de Friedrich Schiller e Theodor Mommsen e até mesmo fazia pesquisas e escrevia sobre a história local. A paixão de Heinz, pelo contrário, era o futebol.⁷¹

A Spielvereinigung [Associação Desportiva] naqueles tempos era um time pelo qual valia a pena torcer. Eles foram campeões alemães em 1926 e 1929 – derrotando o Hertha BSC Berlin na final nas duas ocasiões – e chegaram até as semifinais em 1923 e 1931. No mesmo período, também venceram a Copa do Sul da Alemanha quatro vezes. A rivalidade entre Fürth e Nuremberg tinha a intensa característica de outros feudos vizinhos no futebol europeu, tal como o Rangers-Celtic em Glasgow. Heinz Kissinger era um fã ardoroso do Fürth. Como ele recordou mais tarde,

Fürth era para o futebol o que o Green Bay era para o futebol [norte-americano]. Era uma cidade pequena [...] que em um período de dez anos venceu três campeonatos alemães. [...] Eu comecei a jogar quando tinha uns 6 anos. Meu avô era proprietário de uma fazenda [em Leutershausen] perto de Fürth, e eles tinham um pátio grande e nós jogávamos sem muitas regras. Joguei como goleiro por um curto período, então quebrei a mão. Depois disso, joguei como lateral direito e depois meio-campo. Eu joguei até ter 15 anos. Eu realmente não era muito bom, embora jogasse a sério.

Mesmo não sendo um grande atleta, Heinz Kissinger já era um estrategista sagaz, concebendo para seu time “um sistema que, conforme se viu depois, é o modo como os italianos jogam futebol. [...] O sistema era o de enlouquecer o outro time não permitindo que eles marcassem gols, mantendo jogadores atrás na defesa. [...] É muito difícil marcar gol quando dez jogadores estão alinhados na frente do gol”.⁷² Sua mania pelo futebol ficou tão grande que, por certo período, seus pais proibiram-no de participar de jogos de seu time.